

02/05/2019

Ensaio sobre o NOJO

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório
do trabalho latino-americano]

Nojo não é palavra simpática. Não gosto de usá-la.

Mas, às vezes, não tenho como a dela me furtar.

A palavra nojo tem martelado minha cabeça.

Talvez porque eu saiba que nojo tem dois significados:

1) Luto, pesar, tristeza, desgosto e

2) Asco, repulsa, repugnância, enjoo.

Os dois significados de nojo parecem, à primeira vista, antagônicos. Mas, nessa martelagem da palavra que vem me perseguindo, os dois significados se aproximam e se fundem. Nojo enquanto **luto** ao ver morrer pessoas inocentes assassinadas e expulsas de suas casas e seus trabalhos e nojo enquanto **repulsa** ao ver pessoas perdendo o espírito de humanidade e banalizando o crime, a injustiça, a barbárie. A onda conservadora que vem se espalhando pelo mundo e chegou ao Brasil com a sofisticação de ocupação de espaços estratégicos do Estado causa nojo com esse duplo sentido. **Desgosto e Repugnância.**

As redes sociais que hoje digladiam posições ideológicas com matizes de fundamentalismo, em que aflora ódio, ameaças e violência inspiram esse nojo de duplo sentido.

Pesar e Asco. O retrocesso visível e acelerado da perda de direitos em geral, com ênfase nos direitos do trabalho e nos direitos humanos, invade minhas retinas e minha alma, duplo nojo. **Tristeza e Enjoo.** Saindo daqui a poucos dias de Boa Vista, capital de Roraima, onde já estou há mais de um mês, confesso que olho o Rio Branco com a sensação de despedida e meus olhos se enchem de lágrimas, não por uma prévia saudade, mas por duplo nojo.

Vi pessoas com carteiras de identidade rasgadas, vindas do país irmão, em que nelas só vinha estampada uma palavra: sofrimento. Entendi que elas são reflexo de uma nova ordem global. O modelo neoliberal conservador subverteu a marcha da humanidade que lutou séculos para garantir direitos (às mulheres, aos negros, aos refugiados, aos homoafetivos, às minorias étnicas, aos índios, aos exilados, aos degredados, aos escravos, aos trabalhadores, enfim) e adotou um lema: DANE-SE O SOFRIMENTO.

A Oxfam (organização internacional que monitora a desigualdade no mundo) assevera que 62 indivíduos detêm a riqueza equivalente ao que possuem os 3 bilhões e 600 milhões de pessoas mais pobres do mundo. Nojo (difícil me desvencilhar dele). Na América Latina, seus 20 países, para uma população aproximada de 640 milhões, têm uma estimativa de trabalho informal da ordem de 53% (dados da OIT - Organização Internacional do Trabalho).

Já o desemprego (relacionado ao trabalho formal), em que o Brasil só perde para o Haiti, vem crescendo ano a ano, ano a ano. Tem dúvidas? Olhe para o lado. O crescimento econômico, apenas ele, em si, dizem, é a solução para essa catástrofe ambiental e humanitária. Mentira.

O crescimento econômico desacompanhado de políticas redistributivas *enche a burra* dos ricos e aumenta a concentração de riquezas. Não chega a reduzir essa desgraça, pois não reduz o desemprego estrutural. Está aí a já hoje velha reestruturação produtiva que associa eficiência empresarial e aumento da produtividade com diminuição de efetivos. Afora a redução da massa salarial média pela terceirização, que recentemente virou a nova ordem do emprego no Brasil [Lei 13.429, de 31/03/2017], desemprego estrutural é devastador para a harmonia do ambiente, das cidades, das famílias, da sociedade. É a maior causa dos ciclos migratórios internos ao país, geralmente do campo para a cidade e das menores localidades para as maiores e, por conseguinte, a maior causa de favelização do Brasil, do aumento da violência, da explosão carcerária, da população de rua e do nojo das pessoas pela política. **Luto e Asco.** Não é verdade que o crescimento econômico resolve essa pendenga contra a humanidade. Conversa de economista mal intencionado. Se assim fosse, os diversos ciclos de crescimento econômico, em vários países, na história moderna, teriam resolvido o problema da desigualdade. Com o crescimento econômico só há uma certeza: a acumulação aumenta, os ricos ficam mais ricos e, essa é a parte boa para alguns, alguns novos ricos entram na lista. Não na lista dos 62, mas em outras listas: a da Forbes, a dos 500 mais ricos do Brasil, p'ra ficar mais por aqui por estas terras. Nada contra a Sra. Lily Safra. Ela é simpática. Sustenta várias iniciativas de filantropia. Mas, ao ver a brasileira (gaúcha) Lily Safra doar 20 milhões de euros para a recuperação da Catedral de Notre Dame [Folha de São Paulo, 17/04/2019. Disponível em <https://glamurama.uol.com.br/saiba-quem-e-a-bilionaria-brasileira-que-doou-r-88-mi-para-a-reconstrucao-da-notre-dame/>] vem a mim novamente a sensação de nojo. **Luto e Repulsa.** Nojo não por ela, ela é simpática e possui a 2ª propriedade (residência) privada mais cara do mundo, a Villa Leopolda na Riviera Francesa [https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Leopolda], mas nojo pelo sistema que permite que isso ocorra. Quantos milhares de trabalhadores brasileiros seriam retirados da miséria com essa grana estratosférica? Quantos auxílios-desemprego? Quantas casas-minha vida? Quantas milhares/milhões de cestas básicas para matar a fome de brasileiros que, como ela, nasceram nessa terra.

Por acaso não é a minha terra, mas aqui estudei, morei, trabalhei e é como se fosse (minha). Aqui conheci meu amor. Sou mais brasileiro não sendo do que talvez o fosse sendo. Nada contra a Sra. Lily Safra. Ela é simpática.

Dos ricos já não se espera nada. Mas, dos governos esperaríamos algo um pouco melhor. Esses sim não merecem nossa simpatia. São muito antipáticos. Nojo. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.